

---

## FORMAS DISCURSIVAS DA DIFUSÃO DE SABERES NA MÍDIA

*Sophie Moirand\**

### Resumo

Trata-se da análise das representações veiculadas pelos discursos de transmissão de conhecimento, tomando como dados as revistas de vulgarização científica. Conclui-se – pelo lugar que a mídia ocupa como produtora de informação e lugar de passagem das ciências e das técnicas entre cientistas e consumidores – que as representações da ciência têm a função de difundir novos modos de relação com o saber.

Considerar os indícios deixados na superfície pelas operações de linguagem, pelas funções pragmáticas e pelos esquemas cognitivos como ganchos do sentido, relacionar em seguida a distribuição desses dados de ordem lingüística aos “exteriores” do discurso (o institucional, o sociológico, o histórico...), estes são os nossos passos<sup>1</sup>. Porque a descrição das formas lingüísticas ou semióticas recenseadas permanece para nós como um meio e uma garantia de objetivação para destacar as representações veiculadas pelos discursos de transmissão de conhecimento. Objeto central de nossos estudos atuais.

Na diversidade dos suportes encontrados, a mídia ocupa evidentemente uma parte importante: as rubricas ou as emissões que se estampam abertamente como científicas.

---

\* Cediscor, Universidade Paris III (Sorbonne Nouvelle).

<sup>1</sup> Cediscor, Centro de Pesquisas sobre os Discursos Ordinários e Especializados, Universidade da Sorbonne Nova. Nosso procedimento se inscreve, em parte, na linha da Análise de Discurso francesa (Maingueneau, 1995; Beacco e Moirand, 1995).

as numerosas revistas de divulgação que se encontram nas bancas constituem, no essencial, dados empíricos de nossas análises. Mas o fenômeno sobre o qual incidiram nossos primeiros trabalhos é o de que inúmeros acontecimentos, de naturezas bastante diversas, transformam-se na mídia em *lugares de transmissão de conhecimento*: acontecimentos conjunturais e recorrentes (tais como as catástrofes naturais, tremores de terra, ciclones...), às vezes ligados a um domínio particular (em astronomia: os eclipses, o lançamento de foguetes...) ou a uma descoberta (na medicina: as novidades terapêuticas) ou a um fato da sociedade político-científica (a poluição, o efeito estufa...), freqüentemente em relação com a saúde (como os casos de sangue contaminado, hormônios de crescimento, a “vaca louca”).

Que formas toma essa transmissão de saberes científicos ou técnicos? Que tipos de saberes são transmitidos e como são explicados? Que funções atribuir a esse pacote de conhecimentos inseridos nas produções midiáticas? Quais são as representações veiculadas por esses discursos ditos “segundos”? Esses são os fios diretores dos trabalhos empreendidos.

### **Traços formais de saberes eruditos**

À procura da inscrição, na materialidade textual, de um procedimento cognitivo de transmissão de conhecimentos, começamos por inventariar os traços que pareciam dar conta, nos documentos midiáticos<sup>2</sup>, de uma intenção de difundir saberes, mais ou menos eruditos: traços de ordem icônica, prosódica, gráfica (esquemas, quadros, planos, mapas; aspas, itálicos, negritos; certas entonações, pausas e outras manifestações paraverbais que acentuam ou que valorizam: gestos, olhares); traços de ordem verbal (paráfrases e reformulações; procedimentos de definição, de explicação ou de exemplificação; marcadores de organização e de planejamento; formas de questionamentos, procedimentos de resumo de recapitulação...).

---

<sup>2</sup> Por oposição aos discursos ditos primários ou fontes, isto é, os discursos de produção de conhecimentos, os discursos didáticos e os discursos de vulgarização de uma disciplina são discursos segundos.

<sup>3</sup> O termo documento permite englobar o icônico e o verbal, a imagem e o som.

Esses traços manifestos de *didaticidade*<sup>4</sup> pareceram remeter de imediato a representações estereotipadas que diríamos “didáticas” (imagens escolares partilhadas pelos produtores e destinatários desses documentos), e nos conduziram a mostrar que se tratava freqüentemente de um desígnio de legibilidade/visibilidade (fazer ver) mais do que de inteligibilidade (fazer compreender) (Mortureux, 1993; Beacco, 1993). Mas o que parece constituir uma especificidade da mídia é a freqüência com a qual, no fio de um discurso informativo, deslizam repentinamente seqüências de discursos *outros* que remetem a universos de referência científicos: conjunto de saberes reconhecidos de natureza enciclopédica, palavras de especialistas mais ou menos adaptadas ao público (pedaços de entrevistas inseridas em telejornais, reformulações de discursos-fonte diversamente relatados no fio de artigos da imprensa ordinária). Assim, ao anedótico, ao conjuntural, ao modo narrativo de um acontecimento particular se misturam generalização, tomadas de perspectiva, pedaços de explicação emprestadas (Moirand, 1993). Ora, essas rupturas discursivas, que misturam o fio dos discursos de informação, constituem pontos de heterogeneidade a se estudar, e se a atividade de reformulação é com evidência constitutiva de qualquer discurso segundo, é a exibição dessa heterogeneidade que se mostra característica desse encontro das ciências com a mídia<sup>5</sup>. Nós o mostraremos a partir de um corpus construído em torno do caso da “vaca louca” (março a dezembro de 1996), que nos permitirá abordar aqui dois funcionamentos discursivos reveladores: *os paradigmas reformuladores* de um termo especializado e a inscrição dos *discursos outros* no fio do enunciado.

### Diversidade dos gêneros e dos modos discursivos encontrados

Pelas emissões e artigos, vê-se, desde 21 de março de 1996, até que ponto os discursos midiáticos são estirados para todo lado: o científico, o político, o econômico, o social, o jurídico. Daí a presença de *gêneros discursivos* diferentes que jogam às vezes sobre o

<sup>4</sup> Noção heurística que colocamos na intersecção de dados situacionais, funcionais e formais como uma “intenção (real ou simulada) de tornar o outro mais competente” (Moirand, 1993).

<sup>5</sup> Ver os *Carnets du Cediscor*, 1, “Um lugar de inscrição da didaticidade: as catástrofes naturais na imprensa cotidiana”, Paris, Presses de la Sorbonne Nouvelle, 1993.

emocional, outras sobre o cognitivo<sup>6</sup>: dizeres de testemunhos anônimos, mas igualmente testemunhos de especialistas (cientistas, profissionais, responsáveis políticos), resenhas de artigos publicados em inglês (em *Nature*, *The Lancet*, *Science*), glossários, encartes, lembretes cronológicos, etc. Daí o aparecimento de diferentes *modos discursivos* mais ou menos imbricados: o narrativo, o explicativo, o argumentativo, o conselho, a prevenção, segundo se vai na direção de um ou outro pólo, de que dão conta os títulos dos artigos assim como os das rubricas nas quais eles aparecem:

1. O estudo dos britânicos não traz provas (*Libération*, 04/04, Événement).
- A “vaca louca” faz o peixe se remexer (*Libération*, 08/04, Économie).
- Em maio de 95, os especialistas europeus recusaram um programa anti-“vaca louca” (*Le Monde*, 12/04, International).
- Ciência-política, uma relação difícil (*Le Monde*, 26/04).
- Escândalo da “vaca louca”. O que você deve saber (*Le Parisien*, 14/06, Fait du Jour).
- Questões sobre os riscos de epidemia (*Libération*, 19/10, Événement).
- “Vaca Louca”: a doença animal se transmite realmente à espécie humana (*Le Monde*, 25/10).
- “Vaca Louca”: Bruxelas admoesta os Quinze (*Le Monde*, 02/11).

É pois através de uma grande diversidade de modos discursivos que se difundiram na primavera de 1996, do pólo científico para outros pólos, termos especializados até então desconhecidos do público: doença de Creutzfeld-Jakob, encefalopatia espongiforme bovina e *prion*, termo que tomaremos aqui como exemplo.

### Os reformuladores do termo *prion*

A exigência denominativa dos discursos científicos-fonte dá lugar, nos discursos segundos, a uma abundância de reformulações. Mas o paradigma dos reformuladores do *prion*, quer se trate das definições observadas ou dos diferentes co-referentes encontrados

<sup>6</sup> Sendo o emotivo reforçado pelos filmes e fotos, o cognitivo pelos esquemas, os croquis, os mapas... (Petiot, 1993).

(Mortureux, 1993,1994), tinha de particular o fato de que o objeto do mundo ao qual o termo remetia era desconhecido da maior parte dos jornalistas e mal conhecido da própria comunidade científica no momento em que o caso explodiu, em 21 de março de 1996. Daí os tateamentos nas designações quando o *prion* se torna um objeto do discurso midiático, emanando propósitos emprestados a revistas científicas primárias (frequentemente traduções) ou tentativas de jornalistas descrevendo “um termo que não recobre grande coisa no momento” (A.-M. Cateret, *France Inter*, 13/01/97).

O método, que consiste em estudar os desvios semânticos entre o termo de origem (*prion*) e seus diferentes reformuladores, antes de remetê-los às classes de locutores que os empregam<sup>7</sup> (Petit, 1995; Petiot, 1995), permite destacar diferentes relações no fio da cobertura midiática do caso em questão: este *agente até então desconhecido*, um bioquímico, Stanley Prusiner, o *batista* de “*prion*” em 1982 (*Le Journal de Dimanche*, 31/03, encarte) e o *agente da “vaca louca”* (título) funciona como o equivalente midiático da denominação científica dada em subtítulo *prion responsável pela encefalopatia espongiforme bovina* (*Le Monde*, 12/04). O *prion* é então frequentemente designado por hiperônimos (2.) e oposto a uma espécie de análogos, supostamente melhor conhecidos do público, a menos que sejam as hesitações da ciência que se refletem no paradigma de equivalentes propostos (relações sinonímicas ou mereonímicas em 4.,5.,6.,7.), hesitações que se manifestam igualmente através do emprego de metáforas e de comparações (em 8.):

2. Agente transmissível não convencional, agente infeccioso bovino (*Le Monde*, 12/04).
3. Nem bactéria, nem vírus, nem pólipó (*Le Journal du Dimanche*, 31/03).
4. Uma proteína (*Libération*, 23/03).
5. O termo proteína-*prion* designa uma estrutura cuja função exata é desconhecida (*Le Monde*, 25/04); a proteína do *prion* (*Le Parisien*, 14/06)

---

<sup>7</sup> Esses dois estudos, um (Petit) que se liga ao emprego dos reformuladores de selo por duas comunidades diferentes, o outro (Petiot) que analisa os empregos das diferentes reformulações do lenço islâmico e os valores que lhe estão ligados na mídia, são representativos de um tipo de trabalho em lingüística de discurso.

6. Uma proteína infecciosa (*Le Point*, 15/06); a proteína normal tornar-se-ia um *prion* infeccioso (*Le Monde*, 25/10); a estrutura da proteína *prion* patológica (*Le Monde*, 21/12).

7. Esta molécula (*Le Monde*, 21/12).

8. Este inimigo desconhecido e invisível; a cara do *prion*... uma má cópia de uma proteína normal; como o dublador de um ator que gaguejaria e não poderia encenar a peça; o *prion* se comportaria como um “molde” (*Le Point*, 15/06).

A análise dos contextos das reformulações encontradas conduz a questionar se procuramos realmente tornar o outro mais competente ou se visamos mais difundir uma imagem da mídia, que mostra assim estar ao corrente do “estado de conhecimentos” como coloca como título o jornal *Le Parisien*, 14/06. Colocar-se a questão leva a relacionar os paradigmas de reformuladores às dimensões comunicativas desta situação particular de transmissão.

### Dimensões comunicativas e dialogismo

A situação triangular da transmissão científica mediática relaciona-se com os traços do dialogismo *mostrado*, isto é, com a “representação que um discurso dá, em si mesmo, de sua relação com outro, do lugar que ele lhe dá, explicitamente, designando na cadeia, por meio de marcas lingüísticas, pontos de heterogeneidade” (Authier, 1985, p. 118). Pelo contato entre as ciências e a mídia, assistimos de fato a uma exibição dessas marcas, em uma estrutura enunciativa que visa a *mostrar* o papel do mediador entre “discurso da ciência” e “conhecimentos supostos” dos ouvintes ou leitores: “olhe como nós o informamos bem a respeito do que X disse ou fez”, sendo X um representante legítimo da Ciência; e “olhe como eu faço bem meu trabalho de mediador, em face dos cientistas, porque eu coloco para eles as questões que vocês (ouvintes, leitores) gostariam de colocar”, em particular nesse falso face-a-face que são as entrevistas: “o senhor pode nos explicar; eu vou pedir-lhe que faça um pouco de pedagogia”. Então, para lá dessa encenação do papel de mediador, que é um traço típico da entrevista, nós nos questionamos sobre o lugar deixado para os especialistas, e depois sobre a inscrição dos destinatários.

De fato, são as designações dos cientistas e de suas atividades que pareceram dar conta das representações veiculadas, em particular quando elas precedem ou seguem

seqüências de discursos eruditos relatados, no interior de artigos redigidos por mediadores. É assim que o cientista aparece, individualmente designado com seu nome, sustentado em seu título e em seu lugar de trabalho, antes ou depois de um extrato, citado entre parênteses ou relatado (“...” explica o professor Alain Gendreau (CHU de Tours), especialista em virologia e bacteriologia), mas também de modo mais anônimo, incluído em um subgrupo da comunidade, diversamente determinado (*Os cientistas se interrogam...; para numerosos cientistas...; a maioria dos especialistas...; certos especialistas estimam...; alguns dos melhores especialistas da comunidade...*), ou ainda com um “se” designando o conjunto da comunidade detentora do estado dos conhecimentos (*Se se descobre que..., pode-se afirmar que...*).

O que permite a observação das formas é ver surgir, ao lado dos segmentos “especializados” relatados, numerosas designações (verbos ou nominalizações) que referem aos próprios trabalhos mais do que aos dizeres das publicações mencionadas: *o estudo dos Britânicos não apresenta provas...; a primeira prova direta acaba de ser estabelecida...; para observar este salto seria entretanto necessário ter recurso a processos experimentais...; este trabalho se funda em uma nova técnica...; esta observação pode ser feita graças a uma manipulação experimental...* Atrás de um número restrito de designações verbo-nominais (avançar uma hipótese, apresentar uma prova, fazer uma observação...), são representações da atividade de pesquisa em geral<sup>8</sup> e do funcionamento da comunidade através de jogadas discursivas particulares que são veiculadas, em detrimento, sem dúvida, de uma verdadeira transmissão de conhecimentos<sup>9</sup>:

9. Esta hipótese, desconcertante, foi apresentada há mais de 20 anos, pelo professor Prusiner. Ela lhe valeu numerosas críticas antes de ser aceita pela maioria da comunidade especializada [...] A despeito da acumulação de argumentos experimentais indo no sentido de uma infecção só da proteína-prion, os especialistas continuam a duvidar de que se possa assim colocar em causa o que, a seus olhos, tem valor de dogma [...] (*Le Monde*, 21/12).

<sup>8</sup>Elas correspondem ao praxeograma (esquema de ações ideais, gestuais ou verbais) do procedimento.

<sup>9</sup>Nos exemplos, nós é que sublinhamos as marcas formais sobre as quais se apóia a análise.

Quanto ao destinatário, tal como ele aparece no fio dos artigos analisados, mostramo-lo menos ávido de conhecimentos científicos que ansioso sobre as conseqüências do “caso” da saúde, esteja ele direta ou indiretamente inscrito no texto (em 10) ou que se o leve a identificar-se a consumidores anônimos interrogados pela mídia (em 11):

10. O que *vous* deve saber (*Le Parisien*, 14/06). O Homem pode pegar a doença da vaca louca. Que risco corremos hoje comendo carne de vaca? (*Libération*, 24/10).

11. *Vous êtes* inquietos depois das últimas revelações da vaca louca? (*Le Parisien*, 14/06).

12. O leite, quanto a ele, se revela *sem nenhum risco* (*Le Point*, 15/06). / Pode-se/ sim ou não/ comer carne de vaca na França/ sem risco/ (*ouvinte*). / O consumo da carne bovina/ na França/ *porque* / houve experiências científicas/ *não coloca problemas* / (*expert*) (*France Inter*, 16/01/1997).

Ora, esta representação de um destinatário um tanto obcecado pela saúde, que leva a mídia a se colocar na posição de, a cada momento, dar segurança, inquietar e dar conselhos, leva-a igualmente a favorecer a transmissão de descobertas médicas, de um lado, em detrimento de outros domínios científicos e, de outro, a tratar das conseqüências das descobertas médicas mais do que da própria descoberta. Assim, essa análise efetuada em torno do caso da vaca louca não fez outra coisa que confirmar as observações anteriores, que nos levam a remeter os tipos de saberes transmitidos aos domínios científicos e técnicos que os produzem.

### **Tipos de saberes transmitidos e funções discursivas**

Para destacar a função das formas repertoriadas, podemos tentar cruzá-las com a natureza dos saberes transmitidos (dimensões cognitivas). Porque, quando abordamos outros domínios diferentes do da saúde, o papel do aconselhamento ou da prevenção da mídia parece apagar-se em proveito de outras formas do “dizer para fazer”, e as funções dos procedimentos discursivos, como a explicação<sup>10</sup>, parece diferenciar-se segundo os tipos de saberes transmitidos e os modos discursivos implicados.

<sup>10</sup>Outros procedimentos discursivos: a definição, a exemplificação, a refutação...



### A natureza dos saberes transmitidos

A transmissão de saberes informacionais constitui a função primeira de difusão da mídia. Mas, como vimos anteriormente, a informação desliza freqüentemente para outros modos discursivos, reformulações do corpo dos saberes reconhecidos pela comunidade dos especialistas, às vezes efetuados mesmo por aqueles que os produziram. Ora, entre saberes informacionais e saberes construídos existem outros tipos de saberes, em particular os saberes-fazer experimentais, cotidianos ou profissionais, que é preciso detectar no fio dos documentos analisados. Assim, no seu papel intermediário entre a ciência e o grande público, a mídia ordinária se dá freqüentemente uma imagem de aconselhamento para a vida cotidiana (dietética, médica...), imagem que parece se acentuar ainda mais quando a mídia se torna consultora (cartas de leitores, emissão em que os ouvintes telefonam) ou quando se trata de difundir saberes-fazer técnicos ou de experiências (Moirand e Brasquet-Loubeyre, 1994). Mas a difusão de saber-fazer não é limitada à vida cotidiana.

Os discursos das ciências do universo, por exemplo, tais como os que circulam nas revistas ou rubricas semi-especializadas, oscilam entre a transmissão de saberes construídos ou em construção (“Três mistérios do Big Bang” em *Eureka*, 11/1995; “Os buracos negros existem realmente?” em *Ciel et Espace*, 01/1995) e a transmissão de saber-fazer da observação destinados aos amadores esclarecidos (membros dos clubes de astronomia, utilizadores do telescópio) e mesmo aos novatos ávidos de observar um eclipse ou uma galáxia:

13. *Observe Marte de mais perto. Utilize este mapa de Marte e o quadro que dá a longitude do meridiano central para determinar a região observável em função da data e da hora (Ciel et Espace, 01/1995).*

Curiosos a respeito do céu, *todos em seus binóculos*. Eu lembro a *vocês* que mesmo com binóculos, para realizar *boas observações, convém fugir da luz parasita das cidades e vilas (Astrociel, 11/12/1994).*

Se esse domínio sempre se beneficiou de uma grande audiência social, se ele ocupa, ao lado da medicina, um lugar importante na mídia, é sem dúvida devido à parte de

mistério e de sonho que ele veicula (origem do universo, conquista do espaço) e que transmitem certas designações e metáforas poéticas difusas, mas é também porque o novato pode, a sua maneira, reproduzir uma parte da *observação* do especialista. Trata-se, de fato, no discurso da astronomia, de “fazer ver” e de “formar para ver” tanto quanto “fazer saber”. Assim, a distância entre novato e especialista aparece aqui menor que em outros domínios da ciência, o que a mídia ilustra de dois modos: não somente porque ela dá a ver as representações daquilo que o especialista observa (filmes, fotos, imagens virtuais, mapas, designações analógicas ou metafóricas), mas também porque ela constrói, através de verbos e de dizeres que o mostram enquanto observa e goza o prazer de descobrir, uma representação da atividade científica próxima da atividade lúdica do novato:

14. A astronomia permanece para mim *um prazer contemplativo*, um lazer... (*Ciel et espace*, 01/1995).

“...” *se compraz* Alan Henry Gabriel, diretor do Instituto de Astrofísica Espacial de Orsay (*Libération*, 19/10/95); “É uma revolução e eu peso minhas palavras” *se entusiasma*<sup>11</sup> o dinamarquês Richard West, porta-voz da ESO, Organização Astronômica Européia, sediada em Garching (Alemanha) (*Libération*, 21/11/95).

A descrição da descoberta, a forma tomada pela explicação e a constatação de uma certa ignorância no especialista participam, nesse domínio, da aproximação entre o homem de ciência e o amador:

15. *Como proceder?* Antes de tudo *observando* as estrelas (as cefêidas) de que sabemos [...] do mesmo modo que podemos [...] *basta* fazer a relação entre o que vemos no telescópio e o que deve ser o brilho absoluto da estrela [...] *Os astrônomos desviam* em seguida para as galáxias vizinhas de M96 [...] *Nova dedução* [...].

<sup>11</sup> A pesquisa médica ou a nuclear se acompanha, não tão voluntariamente, de júbilo... O mistério, que é aterrador no caso do *prion*, veicula aqui sonho ou poesia.

*Felizmente as incertezas abundam. Não conhecemos bem a densidade do Universo [...] Não sabemos melhor o que pode valer realmente a constante cosmológica [...] O mistério se adensa. (Libération, 19/09/1995).*

Se certas representações da ciência e do pesquisador são idênticas, qualquer que seja o domínio (o pesquisador *explica, interroga...*), outras são particulares a um domínio, e se a explicação, fornecida acima, do procedimento do astrônomo participa aqui desta representação particular, parece, por outro lado, que este procedimento não tem sempre a mesma forma nem a mesma função.

### O funcionamento da explicação

Toda transmissão de conhecimentos decorre de questões que atribuímos imaginariamente aos destinatários, quer estas sejam ou não efetivamente postas pelo mediador. Assim, a demanda de explicação (real ou suposta) se atualiza sob formas variadas, aí incluída a presença do verbo explicar (“*é necessário explicar a epilepsia...; como explicar que uma boa parte da comunidade científica permanece céptica...?*”).

Mas como explicar recobre de fato diferentes funções, mencionaremos aquelas que encontramos mais frequentemente nos documentos mediáticos ordinários ou especializados sobre as ciências e as técnicas:

- Quando explicar é elucidar ou esclarecer, a demanda corresponde à questão “o que é?”, “o que isto significa?”. Explica-se assim um termo ou uma denominação através de um paradigma de reformulações definicionais ou designacionais (ver o termo “prion”).
- Quando explicar é indicar um procedimento, um andamento a seguir com suas diferentes etapas, uma cronologia de ações ou de operações a efetuar, a demanda corresponde à questão “como funciona?”, “como se faz?”, e a resposta corresponde ao programa prático ou ao *script* que o profissional, o cientista ou o técnico interiorizou e que se transmite (ver em 15). Esse gênero de explicação deriva de fato do modo descritivo (descrição de saber-fazer processual).
- Quando explicar é dar razões, a explicação responde a um porquê subjacente.

Explica-se assim um fenômeno ou um processo, colocando em relação fatos, procurando as causas ou as conseqüências, entrando-se na construção de perspectivas de conhecimentos estabelecidos em outros lugares ou anteriormente. É desta função que derivaria a explicação científica que, por ser aceita como tal, deve satisfazer a três condições (Grize, 1990): o fenômeno a explicar deve estar fora de qualquer contestação, reconhecido pela comunidade de especialistas; o que é dito deve ser colocado em relação, de forma coerente, com os saberes anteriores ou presentes estabelecidos em outro lugar; aquele que propõe a explicação deve ser considerado como competente e neutro.

Ora, o público se sente mal em ter de decidir se essas condições estão bem realizadas ou se lhes está sendo transmitida apenas uma aparência de explicação científica, quando, por exemplo, insiste-se menos sobre o conteúdo das propostas dos especialistas que sobre seu estatuto, ou quando se usam verbos ou nominalizações prototípicas da atividade científica, ou quando se menciona a comunidade dos especialistas não para que eles próprios expliquem mas para que eles sirvam de caução da explicação reformulada pelo jornalista (ver acima). Ainda mais porque as coerções de tempo e espaço da mídia deixam pouco lugar para uma verdadeira explicação, ou mesmo para a argumentação científica. Formas como “em uma palavra”, “em duas palavras, podemos dizer”, “então, em algumas palavras”, muito freqüentes no discurso da mídia sobre as ciências (tanto nos lábios dos especialistas como na pena dos jornalistas), refletem esta contradição inerente ao encontro da ciência com a mídia: entre o projeto de vulgarização (real ou simulado) de explicar a ciência e as coerções institucionais e técnicas de rapidez da mídia que só podem *mostrá-la*.

A observação das diferentes formas de explicação explicitou vários deslizamentos de funções de explicação. Quando a mídia se faz conselheira ou consultora, um pedaço de explicação vem freqüentemente caucionar os saberes-fazer difusos, em particular nas emissões de vida prática (Moirand e Brasquet-Loubeyre, 1994). Mas no domínio das novas tecnologias, a explicação desliza para um discurso quase-promocional como se se quisesse transformar o universo de crença dos últimos resistentes à Informática e à Internet (sem dúvida porque a imprensa é muito dependente aqui da publicidade das

empresas comerciais<sup>12</sup>): a apreciação se mistura então com a descrição dos procedimentos a seguir e as representações veiculadas se apóiam sobre valores que seriam supostamente os do utilizador da pesquisa – fácil, rápido, lúdico (Rakotonoelina, 1995). Acontece, enfim, que uma argumentação não científica se imponha sobre a explicação quando se trata de difundir opiniões fazendo-as passar por verdades; então o modo explicativo desliza para o da justificação, a persuasão impõe-se sobre o raciocínio enquanto a heterogeneidade se faz mais velada, como pudemos constatar a propósito do caso da vaca louca quando artigos ou emissões eram aspiradas para o pólo político ou político econômico.

As funções da explicação parecem assim estreitamente ligadas à natureza dos saberes transmitidos, mas também aos domínios científicos ou técnicos implicados. A observação das formas encontradas permite de um lado determinar graus na vontade de “fazer compreender”, da verdadeira explicação científica ao que é só um perfume de cientificidade. Ela permite, por outro lado, relacionar as escolhas operadas pela mídia às representações que se fazem das entradas de uma pesquisa ou de uma nova técnica na vida cotidiana de seus consumidores: as descobertas médicas não são realmente explicadas, antes se explicam suas conseqüências positivas sobre a saúde (preservação do corpo); aos especialistas de catástrofes, a mídia demanda não tanto explicar o fenômeno, mas sua opinião sobre a previsão ou conselhos sobre a construção de prédios (preservação dos bens); não são os mecanismos internos das novas tecnologias que são expostos, mas a imagem da modernidade que confere sua utilização.

Dos trabalhos evocados anteriormente podemos destacar algumas observações. A exibição de certas formas de didaticidade poderia ser uma estratégia para atrair novas classes de destinatários; em particular, a imprensa, atualmente em dificuldade, jogaria sobre o cognitivo, ao lado do apelo emotivo (Petiot, 1993), de um lado porque os jornais são textos-mercadorias (Beacco, 1992; 1995), de outro porque a necessidade de formação torna-se um percurso obrigatório em um período de crise de emprego de que a escola é considerada em parte responsável (opinião que, aliás, a mídia difunde não sem complacência). Isto dito, as formas desta encenação do saber na mídia parecem responder

---

<sup>12</sup> Ver em *Libération* de 30/01/1997 o artigo “Um Perturbador na Imprensa Ciber...”.

a uma representação estereotipada da didatização mais do que a uma vontade de tornar o outro mais sábio.

Enquanto comunidade de linguagem particular, a mídia é produtora de informações; ela constitui nesse sentido mais do que lugar de transmissão de conhecimento, lugar de passagem das ciências e das técnicas, intermediárias entre as comunidades que as produzem e aqueles que são encarregados de utilizá-las, aplicá-las, mesmo de vendê-las (se pensamos os textos da imprensa informática que são ao mesmo tempo textos-mercadorias e textos-mercados). Mas, enquanto lugar de passagem, a mídia ordinária é também lugar de utilização da ciência por diversas comunidades (política, econômica, moral...) produtoras de opinião, com a mídia (ou apesar dela?) que, colocando-as em cena, lhes dá mais peso. As representações da ciência parecem ter então por função – transformando os universos de crença do público – difundir novos modos de relações ao saber, e de dar uma espécie de cultura científica geral através das emissões sobre as ciências (semelhante à cultura geral literária das emissões sobre os livros, que não são emissões literárias...).

Finalmente, podemos nos perguntar: por que certas pessoas gostariam de substituir pela mídia os lugares de ensino institucionais da ciência? Porque este é o quinhão da difusão de conhecimentos: atravessar os lugares e as posições, arrastada por fluxos discursivos que se entrelaçam e se cruzam, e que os produtores do saber original não mais controlam. Assim, ao lado das comunidades produtoras de conhecimentos, há outros encarregados de ensiná-los, de aplicá-los ou de vendê-los, outros, ainda, encarregados de apresentá-los e de representá-los. Ficam por estudar os modos de circulação desses fluxos discursivos através da diversidade das comunidades de linguagem que eles atravessam (Beacco, 1995) e a mídia nos interessa enquanto comunidade discursiva intermediária.

Tradução: Eni P. Orlandi

### **Résumé**

Il s'agit de l'analyse des représentations véhiculées par les discours de transmission de connaissance ayant comme données les revues de vulgarisation scientifique. On conclue que – par la place que les média occupent comme productrices et lieu de passage des sciences et des techniques entre sciences et

consommateurs – les représentations de la science ont la fonction de diffuser des nouveaux modes de relation au savoir.

## BIBLIOGRAFIA

- Authier, J. (1982) "Hétérogénéité Montré et Hétérogénéité Constitutive: Éléments pour une Approche de l'Autre dans le Discours", *DRLAV*, 26, p. 91-151.
- Authier, J. (1985) "Dialogisme et Vulgarisation Scientifique", *Discoss*, 1, p. 117-122.
- Beacco, J.-C. (1992) "Les Genres Textuels dans l'Analyse du Discours: Écriture Légitime et Communautés Translangagières", *Langages*, 105, p. 8-25.
- Beacco, J.-C. (1993) "L'Explication d'Orientation Encyclopédique", *les Carnets du CEDISCOR*, 1, p. 33-54.
- Beacco, J.-C. (1995) "À Propos de la Structuration des Communautés Discursives: Beaux-arts et Appréciatif", *les Carnets du CEDISCOR*, 3, p. 135-153.
- Beacco, J.-C.; Moirand, S., (1995) "Autour des Discours de Transmission de Connaissances", *Langages*, 117, p. 32-53.
- Grize, J.-B. (1990) *Logique et langage*, Paris, Ophrys, 1990.
- Maingueneau, D. (1995) (éd.) "Les Analyses du Discours en France", *Langages*, 117.
- Moirand, S. (1993) "Autours de la Notion de Didacticité", *les Carnets du CEDISCOR*, 1, p. 9-20.
- Moirand, S.; Brasquet-Loubeyre, M. (1994) "Des Traces de Didacticité dans les Discours des Médias", in T. Lancien (éd.). *Les Médias: faits et effets*, p. 20-33. Paris, Hachette.
- Moirand, S.; Ali Bouacha, A.; Beacco, J.-C.; Collinot, A. (éd.) *Parcours linguistiques de discours spécialisés*, Berne, Peter Lang, 1994, réédition 1995.
- Mortureaux, M.-F. (1982) (éd.) "La Vulgarisation", *Langue française*, 53.
- Mortureaux, M.-F. (1993) "Didacticité et Discours Ordinaire", *les Carnets du CEDISCOR*, 1, p. 21-31.
- Mortureaux, M.-F. (1993) "Paradigmes Désignationnels", *Semen*, 8, p. 124-141.
- Mortureaux, M.-F. (1994) "Peut-on Définir la Propriété d'un Terme?" in Moirand et al. (éd.) *Parcours linguistiques de discours spécialisés*, p. 3-10.
- Petit, G. (1995) "La désignation de timbre-poste", *les Carnets du CEDISCOR*, 3, p. 27-42.

- Petiot, G. (1993) “Hétérogénéités Sémiotique et Discursive”, *les Carnets du CEDISCOR*, 1, p. 79-93.
- Petiot, G. (1995) “Voile, Tchador ou Foulard? Problèmes de Dénomination dans les Discours Médiatiques”, *les Carnets du CEDISCOR*, 3, p. 43-62.
- Rakotonnelina, F. (1995) “L’Appréciation dans les Manuels d’Apprentissage de Logiciels”, *les Carnets du CEDISCOR*, 3, p. 115-134.